



É Isso Aí, Bicho: narrativas sobre o filme *Geração Bendita* no Jornal *A Voz da Serra* durante a ditadura militar¹

Thamyres Dias Saldanha MARTINS²

Debora BREDER³

Universidade Candido Mendes, Nova Friburgo, RJ

Resumo

O presente artigo empreende uma análise do material publicado no jornal *A Voz da Serra*, de Nova Friburgo – RJ, entre agosto de 1970 e outubro de 1973, sobre o filme friburguense *Geração Bendita* (1971), considerado o primeiro filme *hippie* brasileiro. Em um período de censura à imprensa e às artes, procuramos observar como esta história é contada a partir das páginas do jornal de maior abrangência da cidade.

Palavras-chave: jornalismo; narrativas; censura; contracultura; cinema.

Introdução

A forma como um fato é retratado pela mídia depende de alguns fatores, como os interesses do veículo para o qual o jornalista trabalha ou o fragmento por ele captado: o enquadramento dado à reportagem.⁴ Esse olhar sobre o fato não é simplesmente um relato, mas uma “construção narrativa da realidade”, através da qual o espectador/leitor passa a perceber o mundo. Uma notícia é um recorte da realidade.

Sob a égide de um governo totalitário, o processo de produção de notícias depende ainda de um terceiro fator: a censura. Segundo Hannah Arendt (*apud* Marconi, 1980: 26-27), a fim de “isolar as massas do mundo real”, o totalitarismo tenta criar um mundo fictício, criação esta que só se faz possível pela manipulação da informação.

Sob este aspecto, pode-se começar a compreender as relações conturbadas entre a imprensa e o governo brasileiro durante a Ditadura Militar (1964 a 1985). Especialmente após a edição do AI-5, em 1968, o controle dos meios de comunicação pelo Estado era patente, embora não fosse assumido pelas autoridades militares. O então

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Candido Mendes, email: dias.thamyres@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Candido Mendes, email: deborabreder@hotmail.com

⁴ *The narrative construction of reality*. Entrevista de Stuart Hall veiculada em 05/05/1983 na Australian Broadcasting Corporation's Doubletake. Disponível em <http://www.dalkeyarchive.com/article/show/31>. Acessado em 01/06/2009.



Ministro da Justiça, Gama e Silva, por exemplo, chegou a declarar na época que a censura à imprensa não existia, fato que podia afirmar “categoricamente” (*ibidem*, 40).

Esta preocupação em esconder a censura aos meios de comunicação não aparecia quando o assunto era o controle das manifestações artísticas. Segundo Juliano Dorberstein (2007:19) a censura se dividia em duas vertentes: uma, de caráter moral, legitimada socialmente, que se ocupava das artes, e outra, envergonhada, de caráter político, que impedia a liberdade de imprensa. Idéia bastante semelhante aparece também em Marconi:

Ao contrário do que ocorria nas ditaduras espanhola e portuguesa com Franco e Salazar, onde a censura não só era assumida abertamente sem maiores pudores mas até mesmo justificada em público, no Brasil oficial pouco levava a crer que havia uma tirânica censura política às informações. O que existia oficialmente (...) era uma censura política, e visando também a moral e os bons costumes, exercida pela Polícia Federal, na música, teatro, *cinema* e televisão. [sem grifo no original] (*op. cit.* 1980:56).

Dentro desse contexto de repressão, com suas cores alegres e cabelos compridos, chegava ao país o movimento hippie, um dos grupos de contestação social que faziam parte da chamada contracultura.

O termo “contracultura” foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente (...)
(MACIEL *apud* PEREIRA, 1983: 13)

No Brasil, no final dos anos 60, alguns desses jovens instalaram-se em Nova Friburgo, no interior do estado do Rio de Janeiro. Era a comunidade *Quiabo's*, formada por cerca de 70 pessoas, imbuídas por um “(...) ideal contra uma ditadura, contra a ignorância, contra a perseguição, contra a injustiça.”⁵ Neste local foi filmado *Geração Bendita* (1971) produzido por Carl Kohler e Carlos Doady e dirigido por Carlos Bini, e que foi considerado o primeiro filme *hippie* brasileiro.⁶ A produção contou ainda com a direção de fotografia do francês Meldy Melinger. O longa-metragem de ficção conta a

⁵ Conforme relatado por Carl Kohler, em entrevista coletiva concedida aos alunos do curso de Cinema Documentário da Universidade Candido Mendes – Nova Friburgo, em 2008.

⁶ Conforme relatado por Carlos Bini, em entrevista coletiva concedida aos alunos do curso de Cinema Documentário da Universidade Candido Mendes – Nova Friburgo, em 2008. A afirmação aparece também nos sites: www.geracaobendita.com.br, www.cogumelosmagicos.org e www.psicodeliabrasileira.wordpress.com, acessados em 18/06/2009, e na edição de 11 de novembro de 2000 da Revista *Bizz*.



história de Carlos (Carlos Bini), um advogado que, insatisfeito com seu modo de vida, decide ir viver com os hippies. Durante esta mudança, ele vive um romance proibido com Sônia (Rita de Cássia), uma moça de classe média e família tradicional da cidade, que está noiva de Paulo (Sebastião Gonçalves). Mesclando atores e integrantes da própria comunidade, *Geração Bendita* (1971) é um relato sobre o estilo de vida hippie e sobre as nem sempre fáceis relações entre o grupo e a sociedade friburguense da época.

A trilha sonora que embala a trama é assinada pela banda friburguense *Spectrum*, composta em parte por integrantes da própria comunidade *Quiabo's*. O rock psicodélico do grupo, estilo musical característico do movimento *hippie* no mundo inteiro na época, combina perfeitamente com a proposta do filme. Segundo Bini⁷, as músicas eram compostas durante as gravações, atendendo às necessidades das cenas e dos personagens. O LP que contém trilha de *Geração Bendita* (1971), lançado no mesmo ano que o filme, é hoje cobiçado por colecionadores do mundo inteiro. O álbum foi citado pelo austríaco Hans Pokora, em seu livro *2001 Record Collector Dreams* como uma das “raridades roqueiras do mundo inteiro”⁸. O preço de uma cópia, hoje, está em torno de mil e quinhentos dólares.

Para o lançamento do filme, em 1971, a Divisão de Censura de Diversões Públicas, o DCDP, que controlava a produção artística no país (DORBERSTEIN, 2007: 19) exigiu que cerca de 40 minutos fossem cortados. A cena em que os *hippies* tomam banho nus em uma cachoeira, por exemplo, não foi liberada na época. Além da nudez, na cena os personagens fazem com os dedos o símbolo de “paz e amor”, característico do movimento. Os trechos cortados foram re-filmados, gerando problemas de continuidade. Mesmo com as alterações, o filme ficou pouco tempo em cartaz antes de ser proibido pelos militares. Em 1973, passou a se chamar *É Isso Aí, Bicho!*, numa tentativa de burlar a censura. Voltou a ser exibido, então, em Nova Friburgo – no cinema *São José* – no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde obteve a terceira maior bilheteria entre os filmes nacionais em cartaz.⁹ Contudo, poucos meses depois o filme foi novamente proibido e teve todas as cópias apreendidas pela Polícia Federal. Os

⁷ Entrevista coletiva concedida aos alunos do curso de Cinema Documentário da Universidade Candido Mendes – Nova Friburgo, em 2008.

⁸ *Um clássico psicodélico*, reportagem de Silvio Essinger, publicada no *Jornal do Brasil* em 14 de fevereiro de 2002.

⁹ Em primeiro lugar estava o filme *Os mansos* (1973), de Braz Chediak; em segundo, *Toda Nudez Será Castigada* (1973), de Arnaldo Jabor; e em quarto, *Roleta Russa* (1972), de Bráulio Pedroso e produção de Ibrahim Sued. Informações concedidas por Carl Kohler.



negativos só foram resgatados em 2002 por um dos produtores do filme – Carlos Doady – com a ajuda de Hernani Heffner da Cinemateca do Museu de Arte Moderna – o MAM – no Rio de Janeiro.

Envolto em tantas polêmicas – desde a censura e a reação conservadora de grande parte da sociedade friburguense diante da comunidade, até a perseguição e prisão de todos os envolvidos nas filmagens, em Nova Friburgo, e, depois, dos produtores do filme no DOPS do Rio de Janeiro¹⁰ – e considerando-se o contexto da censura política à imprensa, pode-se dizer que, curiosamente, Geração Bendita teve pouca repercussão na mídia friburguense.

Um Pouco de História

Assim como os outros grupos da contracultura, o movimento hippie tem seus primeiros registros nos Estados Unidos entre os anos 50 e 60. Frutos da sociedade de seu tempo, esses movimentos só podem ser compreendidos quando conhecemos o contexto em que foram gerados.

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos se posicionaram como a maior potência do mundo capitalista, fato que propiciou a difusão, junto à classe média branca do país, de uma cultura onde o consumo era determinante (BRANDÃO.1990:14). Esse modo de vida – o *American Way of Life* – baseado na “opulência material e tecnológica” (GONÇALVES, 2007:67), difundiu-se pelo mundo através dos meios de comunicação de massa, e tornou-se uma referência para grande parte do mundo ocidental.

Nesse momento, graças ao forte desenvolvimento econômico, uma explosão demográfica tomou conta do país. Era o chamado baby boom, que “(...) permitiu a emergência de uma cultura caracteristicamente jovem, responsável pela instauração de novos comportamentos e pela transformação radical de alguns padrões sociais” (*ibidem* p.69).

¹⁰ Os produtores do filme foram presos em um apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro, junto com amigos. Após obrigarem Kohler a assinar uma confissão, cujo conteúdo ele até hoje desconhece, os outros foram soltos, permanecendo apenas ele e Doady na prisão por cerca de 40 dias. Informações concedidas por Carl Kohler e Carlos Bini em entrevista concedida aos alunos do curso de Cinema Documentário da Universidade Candido Mendes – Nova Friburgo, em 2008.



Essas transformações, obtidas através da “contestação ideológica”, repercutiam “nos mais variados campos, da política às artes, passando pela questão ‘racial’ e pelos valores e práticas relativos ao corpo, à sexualidade e às relações sociais entre os sexos.” (BREDEK, 2003:77)

Os primeiros representantes dessa nova cultura jovem foram os *beatniks*, precursores dos *hippies*, que já nos anos 50 criaram um estilo novo de contestação, radicalmente diferente do estilo da esquerda tradicional. Seus lemas, entre outros, eram a “inércia grupal” e o “desengajamento em massa” (PEREIRA, 1983:33), o que já revelava o afastamento do grupo – formado em sua maioria por poetas boêmios – da política partidária. Outro grupo marcante, ainda segundo Pereira, foram os *hipsters*, que assumiam uma postura mais agressiva que a dos *beats*.

Já na década de 60, a eleição do democrata progressista John Fitzgerald Kennedy representou para os jovens uma esperança de modificações na sociedade norte-americana. Essa expectativa, porém, não durou muito. A frustração com o novo presidente começou em 1961, com a tentativa de invasão a Cuba, no episódio da Baía dos Porcos, o acirramento da Guerra Fria – com a construção, no mesmo ano, do Muro de Berlim e a corrida espacial – e a “indefinição quanto ao término da intervenção militar no Vietnã” (*op.cit.* 2007:64). Em contrapartida, foi durante o governo Kennedy que se abriu um espaço para a luta pelos Direitos Civis dos negros, sob a liderança de Martin Luther King, e de outros grupos minoritários, como os homossexuais e as mulheres.

Em meio a essa profusão de idéias e contradições políticas, surgiu o movimento *hippie*, diferente dos grupos tradicionais de oposição ao Sistema tanto por seu discurso quanto por suas práticas sociais. (BRANDÃO, 1990: 6) Os *hippies* adotavam a vida em comunidades para “cair fora”¹¹ das regras de comportamento da cultura então vigente. “Para os hippies, ‘cair fora’ dessa camisa-de-força ocidental significava ganhar um outro lugar, fugindo então simultaneamente ao cerco do espaço físico, institucional e lógico deste mundo ocidental”¹² (*op.cit.* 1983:82).

Produtos do próprio *establishment*, os *hippies* buscavam a construção de uma sociedade alternativa à que então vigorava. Dentro desta nova organização social, a

¹¹ Tradução do original “*drop out*”, encontrado em Pereira (1983: 22).

¹² Ainda segundo o autor, podemos entender como espaço físico, a cidade; como espaço institucional, a família; e como espaço lógico, o cientificismo.



liberdade, o psicodelismo e o pacifismo eram algumas das principais características (PEREIRA, 1983: *passim*).

Paz, Amor e Flor

Segundo a jornalista Lucy Dias (2003:103), esse era um dos slogans mais proclamados pelos *hippies* no Brasil durante os anos 70, assim como o “Faça amor, não faça guerra”. É possível que o destaque desses lemas como símbolos da filosofia de vida alternativa os tenham colocado como alvo da repressão política no Brasil. “Paz, amor e flor”, por exemplo, ganhou outras interpretações junto aos militares. “O amor esconde o proxenetismo¹³, a paz é um slogan da subversão, e a flor tem o aroma dos entorpecentes.”¹⁴

O movimento *hippie* – formado em sua maioria por jovens – não era uma revolta das elites, nem das camadas mais pobres da sociedade. “Ao contrário. Era exatamente a juventude das camadas altas e médias dos grandes centros urbanos que, tendo pleno acesso aos privilégios da cultura dominante (...) rejeitava esta mesma cultura de dentro.” (*op.cit.* 1983:22) Essa contestação não se limitava aos valores, mas até à própria estrutura de pensamento racionalista das sociedades capitalistas do Ocidente, onde a ciência é a resposta para tudo e tecnologia, produtividade e progresso são excessivamente valorizados. Para os *hippies*, além da “racionalidade científica” (*ibidem*: 23), existiam outras formas de perceber o mundo, como através dos sentidos.

A fim de aguçar essa percepção sensorial do mundo, era bastante comum a utilização de drogas, principalmente o LSD (ácido lisérgico) (BRANDAO, 1990: 51), que, junto a outras substâncias, já era estudado nas universidades norte-americanas desde a década de 1950. Um de seus principais pesquisadores e defensores era Timothy Leary, psicólogo que ficou conhecido como o Papa do LSD. Para ele, o uso da droga permitia uma nova experiência de mundo, onde era possível perceber como a realidade, da forma que a conhecemos, “não passa de uma manipulação social” (*apud* GONÇALVES. 2007: 81), ou seja, é construída pelo homem através de suas culturas e convenções. Outras drogas “perceptivas”, como a maconha e a mescalina, também eram

¹³ Exploração sexual de alguém para obtenção de lucro. O proxeneta é também conhecido popularmente como “cafetão”.

¹⁴ Reportagem da revista *Veja* de março de 1970, retirada do livro *Anos 70: enquanto corria a barca*. DIAS, Lucy. 2003:103



utilizadas para “ampliar o nível de consciência” e proporcionar uma “experiência mística” (*ibidem*: 80).

Para Kohler, o uso da maconha na comunidade *Quiabo's* melhorava o convívio, aliviava o estresse (durante as gravações de *Geração Bendita*, por exemplo) e os deixava mais produtivos. “O filme é um exemplo disso”, conforme afirmou em entrevista¹⁵. Carlos Doady¹⁶ também conta que, certa vez, alguém lhe perguntou sobre a utilização de drogas na comunidade. Ele teria respondido “Raramente!”. “Raramente usavam?” – indagou novamente a pessoa. “Raramente faltava!” – ele respondeu.

Geração Bendita

Uma história nunca vista no Brasil! Uma geração simples, divertida, humana, bela e inteligente! Você vai fundir a cuca, bicho!¹⁷

A primeira notícia a respeito dos *hippies*, no Brasil, foi publicada pela revista *Realidade* de fevereiro de 1968, com o título “Façam amor, não a guerra” (DIAS, 2003: 97). O periódico – inspirado no *New Journalism*, corrente do jornalismo que surgiu na década de 60 e que busca fugir do padrão rígido de construção do texto – foi lançado em 1966 e abordava temas que normalmente não tinham espaço nas mídias tradicionais. Mesmo dispondo de certa liberdade de expressão, se comparada aos grandes veículos da época, a reportagem de *Realidade* falava apenas dos *hippies* norte-americanos, sem ao menos mencionar os primeiros passos do movimento no Brasil.

Ainda segundo Dias, os *hippies* brasileiros só ganharam visibilidade na imprensa quando passaram a sofrer violenta repressão policial (*ibidem*. 103). Uma reportagem da revista *Veja*, publicada em março de 1970, demonstra como essa perseguição era freqüente em diversas partes do território nacional:

(...) a Polícia Federal ordenou a todos os estados uma campanha rigorosa contra os jovens de colar no pescoço e cabelos compridos. Na semana passada, perto de duzentos deles foram presos na Feira de Arte de Ipanema, no Rio, e doze foram expulsos de sua minifeira na praça da Alfândega, em Porto Alegre, onde

¹⁵ Entrevista coletiva concedida aos alunos do curso de Cinema Documentário da Universidade Candido Mendes – Nova Friburgo, em 2008.

¹⁶ Entrevista coletiva concedida aos alunos do curso de Cinema Documentário da Universidade Candido Mendes – Nova Friburgo, em 2008

¹⁷ Texto do trailer do filme.



vendiam pinturas. Cento e vinte estão presos em Salvador e mais alguns foram para a cadeia no Recife, onde serão investigados um a um. (*op.cit.* 2003:103)

Em Nova Friburgo, o quadro era o mesmo. Pouco mais de um ano após a edição dessa matéria, todos os envolvidos nas filmagens de *Geração Bendita* (1971), em sua maioria moradores da comunidade hippie *Quiabo's*, foram presos – “tiveram suas cabeleiras raspadas, as barbas escanhoadas e despojados de suas roupas psicodélicas.”¹⁸

Em *A Voz da Serra*, principal jornal da época na cidade, nada foi publicado sobre o assunto em todo mês de novembro de 1971, época da prisão. Apenas em dezembro do mesmo ano, em sua edição especial de Natal, o veículo publicou uma menção indireta ao ocorrido. Na coluna do jornalista Pedro Paulo Cúrio, sob o pseudônimo W. Robson, que escolhia os personagens friburguenses que mereciam nota 10 naquele ano, uma das homenagens foi para o diretor do filme:

Para Carlos Bini, cineasta da jovem geração. Idealista em eterna ebulição. Com a inteligência que Deus lhe deu, soube aproveitar um CASO DE POLÍCIA na mais completa máquina publicitária em torno do seu filme GERAÇÃO BENDITA, que segundo o linguajar dos nossos filhos: VAI SER UM BARATO...

O colunista menciona que houve algum problema entre o cineasta e a polícia, divulga o nome do filme, mas não explica o que de fato aconteceu. Qual seria o motivo?

Não obstante, a imprensa carioca registrou o fato com certo destaque. Na edição de 27 de novembro de 1970 do jornal *O Dia*, por exemplo, a reportagem “Artistas Presos e Cabeças Raspadas” denunciava a agressão policial comandada pelo delegado Amil Reichard, contando como se deu a prisão:

Ontem, aproveitando-se de uma cena mais audaciosa, onde os artistas apareciam num jipe psicodélico, de cores berrantes e desenhos avançadíssimos, o delegado entrou em cena e bradou: - Corta! Está todo mundo em cana. Ninguém sai de cena. As representações serão, agora, no xadrez, mas com artistas carecas e todos de banho tomado, asseados e limpos.

Em outro trecho, o jornalista faz um breve histórico da carreira de Bini como diretor de curtas-metragens, inclusive com premiações em festivais, elogiando a escolha do tema para *Geração Bendita*, “qual seja o problema da juventude ‘hippie’”. Ao utilizar o termo “problema” para definir o assunto do filme, porém, gera-se uma ambigüidade. Pode-se, em primeira instância, supor que o “problema” em questão seja o preconceito

¹⁸ JOSÉ, Ângela. Cinema Marginal: a estética do grotesco e a globalização da miséria. Artigo publicado em: http://publique.rdc.pucrio.br/revistaalceu/media/Alceu_n15_Jose.pdf, acessado em 20/06/2009.



enfrentado pelos *hippies*, como eram perseguidos pela polícia, como eram recebidos pela sociedade friburguense, aspectos que realmente aparecem na película. Uma segunda interpretação, porém, pode considerar que o “problema” seja a própria existência da juventude *hippie* na sociedade.

Quanto à justificativa de Amil Reichard para as prisões, ela reforça o discurso do governo militar e dos setores mais conservadores da sociedade a respeito dos *hippies*:

O Delegado Amil Nei Reichard informou, ontem, à reportagem, que decidiu cortar os cabelos de cerca de vinte "hippies", alguns dos quais de nacionalidade estrangeira, em virtude de a cidade haver-se transformado, com a presença dos estranhos, pois temia que muitos fôssem responsáveis por aliciamento de menores de outros locais. A presença dos cabeludos, segundo o delegado, causou uma série de problemas na cidade (...)

Poucos meses após a prisão dos *hippies*, o delegado Amil Reichard foi transferido da cidade. Segundo Carlos Bini¹⁹, a transferência seria consequência da repercussão ruim que o episódio teve no Estado. Em contrapartida, no *jornal A Voz da Serra* – que em tantas edições manifestou sua aprovação às atitudes do delegado – a versão publicada é de que a transferência foi uma rotina administrativa.

Em 1971, pouquíssimas edições de *A Voz da Serra* falaram sobre os *hippies* ou sobre o filme. Foi nesse mesmo ano que *Geração Bendita* (1971) foi lançado e proibido pela censura. Também em 71, os produtores do filme, Carl Kohler e Carlos Doady, foram presos por agentes do Departamento de Ordem Política e Social – o Dops – em Copacabana, no Rio de Janeiro. A movimentação era grande em torno do tema. Por que então quase nada foi publicado?

Três pequenas notas, veiculadas em 06 de fevereiro daquele ano, parecem indicar um possível caminho. O material faz parte da sessão “*Avós da Serra*”, presente em quase todas as edições do jornal que foram analisadas, entre agosto de 1970 e outubro de 1973. O conteúdo varia entre colunismo social e comentários sobre temas atuais variados. A primeira das três notas apenas congratula o delegado Amil Reichard – o responsável pelas prisões – por sua atuação na cidade; logo abaixo, a segunda nota complementa: “Mas nós avós da serra sabemos que o problema não é só repressivo, que os pais devem colaborar, orientando seus filhos para o bom caminho (...)”. Quando o colunista inicia o texto dizendo que o problema não é apenas repressivo, faz uma conexão com a primeira parte, demonstrando que o que torna a atuação do delegado

¹⁹ Entrevista coletiva concedida aos alunos do curso de Cinema Documentário da Universidade Candido Mendes – Nova Friburgo, em 2008.



digna de aprovação é sua prática repressiva. Na continuação da nota fica claro que a repressão em questão é aos jovens. A terceira nota contém uma indicação à imprensa sobre como tratar o “assunto”:

À imprensa cabe o papel de evitar o sensacionalismo, encarando o problema em ângulos essenciais sobriamente. Vamos enaltecer a juventude produtiva, a que ama o país e seu desenvolvimento. Aquela que não é notícia, mas precisa ser.

Qual seria, no caso, a juventude que não deve ser enaltificada? Que problema deve ser tratado pela imprensa apenas em seus aspectos essenciais a fim de evitar o sensacionalismo?

Interessante notar que, uma semana antes, em 30 de janeiro, um artigo intitulado “*Na tonga da mironga do cabuletê!...*” falava justamente sobre uma juventude considerada alternativa, inconseqüente e adepta da utilização de drogas, e sobre a brilhante atuação do delegado de polícia ao prender esses “salafrários”, em provável alusão ao ocorrido durante as filmagens de *Geração Bendita* (1971). Mais surpreendente ainda é saber que o autor de tal texto é o jornalista Pedro Paulo Cúrio – o W. Robson – que, em dezembro de 70 elogiara Bini e seu filme na coluna especial de Natal.

Que a rapaziada friburguense fique “baratinada” com a providencial vassourada de Amil Reichaid, em prol da moralização de nossos costumes, até certo ponto achamos graça da turma raivosa batendo com as perninhas, tão somente porque o Delegado não está ligado na dêles... – Afinal de contas, são jovens amadurecendo nesta intranqüila metamorfose de uma juventude que ainda pergunta pra onde vai.

O que não perdoamos é a inconcebível revolta de certos pais tidos como “prafrentex”, que se consideram ofendidos com a aplaudida ação daquela autoridade, que com as suas “batidas-blitzes” tanto incomoda os seus adoráveis filhinhos. Êstes, minha gente, estes não tenha a menor dúvida, estão realmente com a cuca totalmente fundida, no linguajar maroto dessa gente nova e em ebulição.

Como se pode reprovar, repudiar, combater um trabalho tão útil e oportuno em prol da coletividade friburguense? Amyl vem procedendo uma ação digna de elogios gerais. Fiscaliza tudo. Aconselha. Repreende. Prende os salafrários.

A então rendosa “indústria” dos mendigos turistas, já se sente profundamente abalada em sua estrutura de abuso aos corações moles de Friburgo. (...) A “gang” do tóxico explora outras bandas, sabendo que subir a serra com ele aqui é uma temeridade.

(...) Aplaudimos, sem reservas, Amyl Rechaid (...) Merece êle dos pais sensatos o mais decidido apoio. Faz êle muito bem em mostrar o sol a nascer quadrado àqueles que tentam botar um “arco íris na mironga” de uma juventude tão bela como sói ser a nossa (...)



As alusões aos *hippies* no texto podem ser verificadas pelo uso irônico de gírias próprias do movimento, como “baratinada”, estar “na deles” e “prafrentex”.²⁰ A expressão “com a cuca totalmente fundida”, também remonta ao próprio trailer do filme “Você vai fundir a cuca, bicho!”. Quando chama o grupo de “gang do tóxico”, o jornalista reproduz o discurso da sociedade friburguense que nessa época, de acordo com Carlos Bini²¹, associava o grupo ao fornecimento de drogas na cidade. Apesar disso, o artigo nos mostra que, no episódio das prisões, algumas pessoas não concordaram com a atitude do delegado. Já para o jornalista, a atuação de Amil Rechaid é inquestionável e deve ser apoiada pelos pais que sejam “sensatos”.

No último parágrafo do texto, W. Robson reitera sua aprovação à prisão dos *hippies*, que tentam “botar um ‘arco íris na moringa’” dos jovens da cidade. Esta expressão parece ter sido retirada da música de Paulo Diniz, *Ponha um Arco-íris na sua Moringa*²², gravada no LP *Quero Voltar pra Bahia* (1970).

Entre fevereiro de 1971 e novembro de 1972 não foram encontradas em *A Voz da Serra* reportagens, notas ou artigos que falassem sobre a comunidade Quiabo’s ou sobre o filme *Geração Bendita* (1971). Mesmo em 20 de março de 1971, quando do V Festival de Cinema Brasileiro, realizado em Teresópolis e noticiado com destaque pelo veículo em questão, a produção *hippie* friburguense nem ao menos é citada.

Em dezembro de 1972, Pedro Paulo Cúrio novamente surpreende: elege Carlos Bini – nota 10 em 1970 – uma das jóias de 1972. Como da outra vez, a eleição é publicada na edição de Natal do jornal. Dessa vez, porém, o mérito do cineasta era a realização de outro filme, *Guru das Sete Cidades*²³ (1972), no Piauí.

O segundo longa-metragem de Carlos Bini parece agradar a imprensa local, ao contrário de *Geração Bendita* (1971). Em 31 de março de 1973, *Guru das Sete Cidades* (1972) é tema da reportagem “Friburguense vai ser Guru”, onde a produção é considerada motivo de orgulho para a cidade. No dia 7 de abril, uma nota destaca a pré-estréia do filme no cinema Eldorado, em Nova Friburgo.

²⁰ Gírias encontradas em <http://www.cruiser.com.br/giria/jornal.out.nov.05.htm>, acessado em 30/06/2009.

²¹ Entrevista concedida à autora em 27/06/2009.

²² De acordo com o pesquisador e músico Álvaro Neder, as músicas de Paulo Diniz eram marcadas pelo “espírito de liberdade daqueles tempos, uma mistura entre os protestos pós-1968 e o caráter alegre da música baiana”. Entre suas principais composições está *Quero Voltar pra Bahia*, em homenagem a Caetano Veloso, então exilado em Londres. Informações disponíveis em <http://new.music.yahoo.com/paulo-diniz/biography/>. Acessado em 28/06/2009.

²³ *Guru das Sete Cidades* conta a história de uma seita que realiza sacrifícios humanos, durante rituais de Magia Negra, no local conhecido como Sete Cidades. Quando um casal de milionários de uma cidade vizinha é convidado para participar de uma dessas reuniões, os problemas começam.



Entre janeiro e outubro de 1973, ano em que *Geração Bendita* (1971) foi lançado pela segunda vez – agora sob o título *É Isso Aí, Bicho!* – e pela segunda vez foi censurado e apreendido, nenhuma menção direta ao primeiro filme *hippie* brasileiro ou a comunidade *Quiabo's* foi encontrada. Em 19 de maio deste mesmo ano, porém, uma nota da coluna Pílulas comenta a existência de uma “política de perseguição que tantos prejuízos vêm causando àqueles que pregaram ‘paz & amor’”.

Considerações Finais

Através da análise do jornal *A Voz da Serra*, entre agosto de 1970 – quando tiveram início as filmagens – e outubro de 1973, percebe-se que *Geração Bendita* (1971) não encontrou espaço neste periódico, predominando o silêncio sobre o assunto. De acordo com Hall²⁴, os silêncios, nos meios de comunicação, são mais expressivos para decifrar a ideologia por trás das narrativas, do que o que é falado.

As representações midiáticas do real sofrem influência das conjunturas sociais, econômicas e políticas. São diversas possibilidades de versões, recortes e olhares que constituem os “fragmentos informativos” disseminados pelos veículos de comunicação, perpetuando “(...) as idéias dominantes através da linguagem e sistemas simbólicos (...)” (HALL, *apud* Sousa 2000: 67-68). Dessa forma, ao mesmo tempo em que é influenciada pela sociedade, a imprensa também influencia a forma através da qual seu público leitor/espectador perceberá o mundo.

Durante os três anos e dois meses de edições pesquisadas, fica bastante claro que o discurso dominante, disseminado através das páginas do jornal analisado, é favorável ao Regime Militar e, portanto, avesso aos movimentos de contestação, entre eles, o movimento *hippie*. Em algumas edições – especialmente em 1973 – o jornal assume explicitamente seu posicionamento político.

Contextualizando as presenças e ausências de *Geração Bendita* (1971) ou da comunidade *hippie* friburguense *Quiabo's* em *A Voz da Serra*, percebemos que o período em que esses assuntos desaparecem completamente das páginas do jornal (entre fevereiro de 1971 e novembro de 1972) coincide, em grande parte, justamente com o

²⁴ *The narrative construction of reality*. Entrevista de Stuart Hall veiculada em 05/05/1983 na Australian Broadcasting Corporation's Doubletake. Disponível em <http://www.dalkeyarchive.com/article/show/31>. **Acessado em 01/06/2009.**



mandato do prefeito Feliciano Benedito da Costa²⁵, líder da Aliança Renovadora Nacional – a ARENA²⁶ – na cidade.

O jornal em questão pode ter excluído esses temas de sua pauta tanto por identificação política, como por conveniência ou interesses econômicos. De toda forma, a divisão do pouco material sobre os *hippies* friburguenses no periódico, ao longo dos anos, sugere que pode ter havido alguma interferência do governo Feliciano Costa (1971-1972) na produção do jornal.

Quando comparamos o que foi publicado por *A Voz da Serra* sobre *Geração Bendita* (1971) e *Guru das Sete Cidades* (1972) percebemos que, apesar de terem o mesmo diretor e artistas friburguenses, apenas a segunda produção é considerada pelo jornal um motivo de orgulho para a cidade. Mesmo ficando em cartaz em Nova Friburgo tanto em 71 quanto em 73, nem as datas e horários de exibição de “*Geração*” foram divulgadas.

A não-aceitação da sociedade e a perseguição política enfrentadas pelos *hippies* em Nova Friburgo, fizeram com o que o grupo ficasse apenas por cerca de três anos na cidade. Durante esse período, ao menos dois integrantes da comunidade desapareceram e foram encontrados assassinados – um na Bahia e o outro em Cabo Frio.²⁷ A comunidade *Quiabo’s* se reorganizou em novos dois grupos: um em Sana e outro em Visconde de Mauá.

Geração Bendita (1971), tão pouco divulgado na época, só começa a ter seu reconhecimento em Nova Friburgo mais de trinta anos depois. O filme – agora digitalizado – circula entre grupos ainda restritos, como o acadêmico ou o cultural e é também bastante conhecido pelos novos grupos de inspiração *hippie* que hoje vivem na cidade. Em 2006 o filme foi relançado em DVD, mas em edição limitada. Em 2007, foi exibido novamente em Nova Friburgo e na cinemateca do MAM, em São Paulo.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo. Moderna. 1990.

²⁵ Feliciano Costa era médico e Capitão do Mar e Guerra reformado por tempo de serviço.

²⁶ Partido criado para apoiar o governo militar.

²⁷ Segundo Carl Kohler em entrevista coletiva concedida aos alunos do curso de Cinema Documentário da Universidade Candido Mendes – Nova Friburgo, em 2008.



BREDER, Débora. *Le Souffle au coeur & Damage*. Quando o mesmo toca o mesmo em 24 quadros por segundo. (Louis Malle e a temática do incesto). Niterói. 2003. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense – UFF.

DIAS, Lucy. *Anos 70: enquanto corria a barca. Anos de chumbo, piração e amor: uma reportagem subjetiva*. São Paulo. SENAC. 2003.

DOBERSTEIN, Juliano Martins. *As duas censuras do regime militar: o controle das diversões públicas e da imprensa entre 1964 e 1978*. Porto Alegre. 2007. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

GONÇALVES, Denise Oliveira. *Aveso e Direito: Movimento Hippie e Mercado Cultural da Moda*. Uberlândia. 2007. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

HALL, Stuart. *The narrative construction of reality*. Entrevista publicada em 05/05/1983 na Australian Broadcasting Corporation's Doubletake. Disponível em <http://www.dalkeyarchive.com/article/show/31>. Acessado em 01/06/2009.

JOSÉ, Ângela. *Cinema Marginal: a estética do grotesco e a globalização da miséria*. Artigo publicado na Revista Alceu, do Departamento de Comunicação da PUC Rio: http://publique.rdc.pucrio.br/revistaalceu/media/Alceu_n15_Jose.pdf

MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)*. São Paulo. Global. 1980.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1983.

SMITH, Anne-Marie. *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Tradução Waldívia M. Portinho. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2000

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos*. Universidade Fernando Pessoa. 2000.